



## LUA ALADA (OU DA OBSESSÃO PELA REMINISCÊNCIA)

Luciana Borges

*E não ter herdado nada  
apenas esta tristeza fina –  
fio de faca.*

Você se lembra, Ielena, era o tempo das chuvas claras e nós fomos viajando de carro pela paisagem do cerrado. Foi no tempo em que eu já não podia escrever poemas sem que neles estivesse todo eu, e tudo aquilo que ninguém deveria saber, nem eu mesmo. A lua parecia alada quando você disse que me amava. Seu corpo era tão meu conhecido, eu sabia de onde vinha cada movimento, cada leve bater de cílios. Onde um pêlo diferente ou novo crescia, onde um cabelo arrepiava, onde uma gota de suor molhava a pele quando teve que experimentar o calor da nova cidade. E era assim, Ielena: quando eu não estava ao seu lado na foto, era para você que eu sorria o meu melhor sorriso – dentes todos à mostra, filete branco entre os lábios grossos.

Era o tempo de conhecer gente nova, de estudo e de trabalho, de sair e de cantar, de telefonar para casa, de chorar de saudade, de lutar contra o arrependimento. De fazer compras e lidar com a cara feia do novo, disfarce permanente de todos os perigos.

Depois, já era o tempo das mangas maduras, tão rápidas as mangas deste lugar. As moscas vojavam por entre os caroços semi-ressequidos. Na sombra das folhas, em conjunto nossos corpos descansavam do trabalho do dia enquanto o sol se punha. Eu juntava seus



cabelos entre as mãos e suor delas os deixava viscosos. Você não gostava mas eu adorava o visgo deles, você se virava para mim e nem parecia um apartamento na cidade quando olhávamos o sol da sacada no final do dia quente. Aqui as mangas vinham antes de todas e quando eu viajava perdia também os pequis maduros; inventava um motivo, um destino qualquer, só para fugir do calor de setembro. Eu não queria deixar você pra trás mas era preciso, estudar, fazer coisas, ver gente. Eu não queria deixar você, Ielena, era o calor que me expulsava, era a vontade de não estar num lugar longe de tudo.

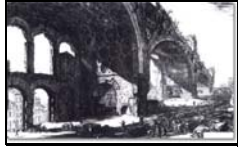
Minhas mãos eram mais brancas sobre o seu corpo negro de sombras. Eram duas vezes o tamanho das suas quando se encontravam, meus dedos magros e ágeis, dedilhado de canção dos anos oitenta. Lembro da cozinha, do cheiro de café na tarde e do meu cabelo em suas mãos. Ou eram seus os cabelos entre as minhas? Lembra, era o tempo das folhas secas e te exasperava o cheiro da fumaça que era inevitável sintoma da estupidez da vizinha. Era a mangueira com a manga solitária e amarela da cor do sol.

Você não se lembra, eu sei. Éramos tão confundidos que já nem sei onde são minhas as suas lembranças, onde o que você rememora recolhe das minhas impressões mais convincentemente suas os meus mais secretíssimos guardados. Começamos a registrar sem compromisso um diário de bordo. Viagem sem retorno que ao que não conhecíamos. Sua letra pequenina, a caneta porosa a confundir os caracteres. Os dias a confundirem os acontecimentos. Aquilo que é de tudo amor e morte, olhos marejados sem que nunca tenham visto o mar, lembrança do que não foi. Você se tinha enfeitado por uns sapatos estampados, que se tornaram seus inseparáveis companheiros. Eram tão lindos os seus pés



pequenos, os dedos diminutos. Não importava que houvesse no direito um dedinho imperfeito, mas andar com aqueles sapatos fazia de você a pessoa mais interessante de todos os tempos, numa cidade em que o visual das pessoas comuns tendia para um kitsch empobrecido. Os meus olhos, esses sim, só viam o que queriam, nada mais. Eu não sabia para onde os seus pés te levariam. Suspeitava que não ficariam ali por muito tempo. Mas seus olhos diziam bobagem, você só vê o quer, quer me ver indo embora, inventa essa coisa toda sobre sapatos. Eram essas as palavras ou são essas as palavras de uma falsa memória. Não, Ielena você não devia ter abandonado o diário nas minhas mãos, as páginas brancas por preencher. Você, que de tudo conhecia, inacreditável demiurga.

E depois era o tempo. Um tempo em que eu só tinha entre as mãos o meu próprio rosto. Um tempo em que não podia pensar que eu tivesse ido atrás de algo que se perdeu ou você que não podia se lembrar de que eu fora embora por algo nada nada nada. Você não se lembra, eu sei. De repente a vida com gosto de fruta passada. Eu sei, Ielena, quando tudo começou a se perder. Quando foi que eu abria a porta e não te via mais. Espectro. Sombra. Tudo que seja matéria fluida é o que serve para lembrar o que era você naquele tempo. Qual tempo nem sei, só sei que as mangas já exibiam sua face enrugada, o deus implacável. Cada mosca gorda sobre a podridão. Culpa do lugar, do peso que se abate sobre quem vem para esta cidade? Sem saída mas porta. Disso eu me lembro e sei que você também. Se você não se lembra, pode então ler as letras miúdas do diário em que registramos nossas memórias conjuntas e dispersas. Nossas lembranças todas, todas inventadas.



Travessias número 01 [revistatravessias@gmail.com](mailto:revistatravessias@gmail.com)

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

---

Luciana Borges é professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Goiás – Campus de Catalão. Atualmente cursa doutorado em Estudos Literários pela UFG. Já publicou poemas e contos em Antologias Literárias e artigos sobre Literatura em revistas acadêmicas.